

A organização dos alunos e das alunas, na sala de aula, tem que facilitar a aprendizagem em pequenos grupos. Referindo-se à aprendizagem dos alunos, Roger T. Jhonson e David W. Jhonson (1997) defendem que nela se podem considerar três possibilidades básicas de interação entre os alunos:

- *Competir* para ver quem é o “melhor”.
- Trabalhar de maneira *individual* para alcançar um objetivo sem levar em conta os demais colegas.
- Trabalhar *cooperativamente* com grande interesse na própria aprendizagem e na aprendizagem dos demais.

Uma situação interpessoal competitiva se caracteriza por uma interdependência negativa entre os objetivos: quando uma pessoa ganha, as outras perdem; por exemplo, propor disputas entre os alunos e as alunas para obter respostas corretas de um problema de matemática escrito no quadro. Nas situações de aprendizagem individuais, os alunos e as alunas são independentes, e o êxito depende do próprio rendimento com relação aos critérios estabelecidos; aquilo que fazem os demais não os afetará. Isso ocorre, por exemplo, em uma situação de aprendizagem de leitura na qual todos trabalham por sua conta, e cada um prova se consegue ler corretamente 90% ou mais das palavras. Em uma situação de aprendizagem cooperativa, os alunos e as alunas trabalham juntos e sentem que “remam ou afundam em conjunto”. Temos que distinguir, todavia, entre as diversas formas de trabalhar baseadas na cooperação. Por exemplo, a interação entre iguais, como base para as aprendizagens, ou as relações tutoriais que possam ocorrer entre os próprios alunos.

Como havíamos dito, um dos temas que precisamos resolver para trabalhar em pequenos grupos na sala de aula é o que se refere aos *agrupamentos de alunos*. É possível enunciar alguns critérios que orientem a formação dos pequenos grupos. Certamente, existe um amplo leque de possibilidades no momento de formar os agrupamentos e não se pode dizer que algumas formas sejam mais adequadas do que outras: seria mais correto dizer que servem a distintos objetivos. De qualquer modo, neste capítulo, desdobraremos uma proposta sobre algumas decisões, tais como a quantidade adequada de componentes nos pequenos grupos; os critérios de heterogeneidade ou de homogeneidade de níveis, ritmos e interesses; a movimentação e a permanência dos agrupamentos; e as preferências dos alunos e as do professor. Por último, mencionaremos o papel do educador na tomada de decisões.

A QUANTIDADE DE INTEGRANTES DE CADA PEQUENO GRUPO

Em primeiro lugar, podemos nos fazer a pergunta sobre qual é a quantidade adequada de integrantes de cada grupo. Segundo a proposta de Marti e Solé (1997), não existe um número que possamos afirmar como adequado e, também, isso depende de um conjunto de fatores. Shaw (1989) recorre a distintos estudos sobre o tamanho do grupo e mostra os possíveis ganhos e perdas de rendimento com o aumento ou com a diminuição do número de integrantes: com o aumento do tamanho do grupo, costuma ocorrer apenas uma diminuição do tempo de que dispõe cada membro para participar, tornando-se mais difícil a participação de todos; há uma tendência maior ao monopólio da participação por parte de um dos componentes; há mais dificuldades para que se coloquem de acordo e, em alguns trabalhos, o rendimento dos alunos e das alunas diminui. Por outro lado, reduzir o número de integrantes limita os conhecimentos de que poderia dispor o grupo para enfrentar a tarefa encomendada. No entanto, isso proporciona mais possibilidades de participação de todos, tende a equilibrar a quantidade de intervenções e facilita o consenso.

O tipo de atividade e o objetivo que pretendemos com ela é um dos fatores-chave para decidir o tamanho do grupo: para um programa interativo no computador, por exemplo, dois alunos podem ser um bom número,

enquanto que, em uma atividade baseada em intercâmbio de pontos de vista, será necessário um número maior de componentes.

Em nossa prática vinculada ao trabalho em pequenos grupos na sala de aula, temos observado que:

- Agrupamentos de dois alunos, ou seja, os *pares*, podem ser enriquecedores em momentos pontuais e para as finalidades mais diversas. Por exemplo, trabalhar com o computador, ou formular perguntas sobre um tema que aos alunos e às alunas interessaria conhecer. É um agrupamento fácil de fazer, eficaz para algumas atividades, e está no limite entre o trabalho individual e o de grupo.
- O trabalho em *grupos de três*, em princípio, possibilita uma dinâmica ágil e produtiva, bem como permite ao grupo trabalhar com um clima adequado. Alguns autores advertem sobre os riscos de exclusão do terceiro em um grupo deste tamanho. A prática nos tem demonstrado, de maneira sistemática, que embora exista um risco considerável, nem por isso há motivos para evitar agrupamentos com esse número de participantes. Os grupos de três componentes são adequados, por exemplo, para elaborar textos, resolver problemas de matemática ou fazer resumos.
- Os agrupamentos de *quatro* componentes são, provavelmente, aqueles que organizamos com mais frequência. Entendemos que são muito adequados para a maioria das tarefas que propomos em um pequeno grupo. A dinâmica ocorre com facilidade, ao mesmo tempo que se reduz o número de grupos que o professor precisa dinamizar. As atividades que havíamos citado para resolver em grupos de três componentes também são adequadas para grupos de quatro.
- Os grupos de *cinco* componentes diferem muito pouco das características dos grupos de quatro e são, depois desses, os que formamos com maior frequência.
- Os agrupamentos de *seis* alunos comportam mais dificuldades no que diz respeito à participação equilibrada. As tarefas costumam ser feitas de modo mais lento. Procuramos não chegar a juntar seis alunos; preferimos separar o grupo em duas partes e assim formar dois grupos de três.

- Finalmente, somente optamos por grupos de *sete ou oito* em algumas atividades que se dirigem especificamente a trabalhar a relação ou a auto-imagem dos componentes através de técnicas de dinâmica.

A HETEROGENEIDADE OU A HOMOGENEIDADE DOS AGRUPAMENTOS

Além de perguntarmos pelo número de integrantes de cada pequeno grupo, podemos nos perguntar sobre os critérios qualitativos de agrupamento e, entre esses, a homogeneidade ou a heterogeneidade de níveis e ritmos em cada grupo.

Optamos por trabalhar com *grupos heterogêneos*, ainda que essa alternativa requiera, pelo menos, três considerações prévias:

- A primeira consideração faz referência à necessária *flexibilidade no critério* de agrupamentos heterogêneos – embora, na organização básica, proponhamos grupos com alunos de diferentes níveis, às vezes, se faz claramente indicado realizar, na sala de aula, um trabalho em dois níveis de dificuldade – um para os alunos e as alunas de ritmos rápidos, e outro para aqueles que avançam mais lentamente; o professor pode optar por agrupar os alunos de níveis mais baixos ou mais altos e, enquanto uma parte executa um determinado trabalho, os outros, em pequenos grupos, realizam uma atividade diferente. Em algumas ocasiões, o professor pode propor uma atividade à maioria da turma, do tipo que os alunos e as alunas possam executar autonomamente e, ao mesmo tempo, juntar alunos de níveis mais baixos, propondo-lhes um trabalho em um ou dois pequenos grupos. Por exemplo, com alunos de cinco anos – enquanto os alunos de nível de aprendizagem mais evoluído fazem um desenho, os quatro ou cinco alunos com níveis mais baixos trabalham no quadro com a professora, escrevendo nomes de colegas da turma.
- A segunda consideração faz referência a distância *conceitual ou de procedimentos entre os alunos* – em certas ocasiões, convém que os níveis dos alunos que compõem o grupo sejam ligeiramente heterogêneos, mas de modo que a distância entre eles não ultrapasse o nível em

que os menos evoluídos não possam entender as produções de seus colegas de grupo. Porém é preciso dizer também que, segundo nossa experiência, estamos constatando que, em muitas ocasiões, os alunos e as alunas mais evoluídos, ainda que estejam bastante distantes dos níveis dos colegas com ritmos mais lentos, podem lhes oferecer uma ajuda muito valiosa, tanto ou mais do que aqueles que manifestam níveis ligeiramente superiores. E, ao mesmo tempo, os alunos e as alunas que dominam melhor os conceitos e os procedimentos podem desenvolver a habilidade de explicá-los aos demais. Portanto, na prática, geralmente, deixamos de considerar a “ligeira” heterogeneidade e simplesmente juntamos alunos e alunas de níveis distintos.

- E, finalmente, diríamos ainda que a distância entre níveis de conhecimentos dos alunos e das alunas das séries iniciais, principalmente aqueles do primeiro ciclo elementar, tampouco costuma ser tão grande a ponto de ser esse fator considerado prioritário quando se realizam os agrupamentos.

Outro aspecto que gostaríamos de assinalar refere-se ao que foi experimentado no trabalho em pequenos grupos com alunos de *níveis homogêneos*. Entendemos que esta é uma opção válida, inclusive, como possibilidade de proposta complementar àquela que apresentamos – em determinados níveis, e em atividades mais abertas, pode-se optar por um critério de heterogeneidade; mais adiante, ou com outras atividades, podemos fazer agrupamentos mais homogêneos segundo os níveis, ritmos e interesses dos alunos. Os alunos e as alunas podem sentar-se habitualmente em grupos heterogêneos, mas, para determinadas atividades, o educador pode reunir, em um mesmo grupo, os que apresentam um nível mais baixo e propor-lhes um trabalho à parte.

Feitas essas considerações, estamos em condições de desdobrar a concretização da heterogeneidade mencionada. Como já dizíamos em outra obra (Bonals, 1994a), cada professor pode planejar *a formação de grupos*, levando em consideração:

Os níveis e ritmos de cada aluno e aluna

Ao organizar os grupos, o professor considera, em princípio, que os alunos e as alunas sejam de níveis diferentes, porém próximos. Quando,

como já comentamos, a distância entre níveis de conhecimentos dos alunos de educação infantil ou das séries iniciais do ensino fundamental em uma mesma turma, não costuma ser excessiva para as nossas conveniências. Uma das desvantagens de agrupar alunos e alunas de níveis muito próximos é que se perde a possibilidade de confrontar produções resultantes de hipóteses conceituais diferentes, ou de estratégias de distintos níveis de complexidade. Quando há demasiada distância, uma das desvantagens é que se tende a reproduzir a situação do adulto como aquele que “sabe”, colocando aquele que aprende em uma situação “passiva”. Isso não impede, como veremos, que em um momento determinado o professor anime um aluno ou uma aluna a colocar-se no papel de ensinar a outros colegas.

Os alunos e as alunas “bons comunicadores”

Há alunos e alunas com grande facilidade para comunicar conhecimentos, maneiras de fazer os trabalhos, ou atitudes de disponibilidade para abordá-los – sabendo ou não, transmitem informações que podem ser uma grande ajuda para a aprendizagem dos colegas. Consideramos como alunos ou alunas “bons comunicadores” aqueles que têm boa capacidade para transmitir conhecimentos a outros colegas.

Para ser bom comunicador, é preciso dispor de conhecimentos que outros ainda não adquiriram e ter disponibilidade para tratá-los. Contudo, certos alunos podem ter facilidade para expor conhecimentos para alguns colegas, mas não para outros, por exemplo, quando não se entendem bem com eles, ou quando pouco se relacionam. Neste caso, não serão bons comunicadores para determinados colegas, devido ao tipo de relação que se estabelece. Assim, um aluno será bom comunicador não somente devido a suas características pessoais, mas também pelas características de potencialização dessa comunicação entre os demais; portanto, esse fator vincula-se às relações que se estabelecem entre eles.

Por um lado, então, para cada nível de aprendizagem há colegas que, pelos conhecimentos que dominam, possuem uma ótima capacidade para ser comunicadores. Aqui é que se costuma falar de níveis ligeiramente acima do aluno ou da aluna que receberá a informação, ou da boa distância entre eles. Além do nível de conhecimento, há alunos mais sociáveis, mais aceitos, mais abertos, com maior capacidade de relacionamento, que podem contri-

buir mais que outros. Em muitas ocasiões, os líderes são bons comunicadores para os componentes do grupo no qual exercem a liderança.

Os alunos ou as alunas mais necessitados

Nos agrupamentos procuramos, especialmente, levar em consideração os alunos ou as alunas que manifestam maiores necessidades, não somente nas aprendizagens tradicionalmente acadêmicas, mas também na vivência dos diversos relacionamentos, na auto-imagem e no desenvolvimento emocional. Entendemos que as necessidades especiais desses alunos ou dessas alunas são provenientes de vários aspectos:

- Do ambiente pouco estimulante ou pouco enriquecedor em que vivem, ou de características específicas, capazes de provocar níveis mais baixos, ritmo mais lento na aquisição das aprendizagens e escassa disponibilidade para os trabalhos escolares.
- Das dificuldades de relação ou dos transtornos de personalidade que possam apresentar – os alunos ou as alunas que têm tendência a isolar-se e aqueles mais inibidos se sentam ao lado dos colegas que melhor podem favorecê-los na resolução desses obstáculos. Geralmente, os colegas com condutas disruptivas se situam nos grupos com mais capacidade de contenção.
- Das dificuldades lingüísticas provenientes do pouco domínio da língua utilizada normalmente em sala de aula. Deparamo-nos, por exemplo, com alunos e alunas imigrantes, recém-chegados, e que apresentam dificuldade para entender e falar a língua usual da escola.
- De alunos menos aceitos ou daqueles que o grupo tende a levar em menor consideração. Para esses, ainda que não costumemos usá-los de maneira sistemática, os sociogramas podem fornecer informações proveitosas no momento de formar os grupos. Por exemplo, podem indicar as escolhas mútuas, fato que o professor irá considerar quando decidir a disposição dos alunos com maiores necessidades junto aos “bons comunicadores”, desde que tenham sido escolhidos mutuamente. Além do mais, o sociograma pode servir como orientação quanto às rejeições, no momento de decidir quem, entre

os “bons comunicadores”, poderá ajudar melhor os mais necessitados. E, também, poderá ser útil para mapear as lideranças, que podem representar um papel importante para a aceitação e a integração no grupo daqueles alunos e alunas repetentes, daqueles que tenham chegado recentemente à escola, daqueles que estão pouco incluídos no grupo, ou ainda, daqueles que manifestam dificuldades de relacionamento na sala de aula.

- Dos alunos repetentes: esses alunos apresentam um alto risco de encontrar-se novamente em dificuldades. Quando freqüentaram uma série e fazem dependência de algumas disciplinas de outra série ou ciclo, isso costuma estar ligado a causas que devemos ter especialmente presentes. Além do mais, o fato de estarem cursando uma série e fazerem disciplinas em outra supõe, na série mais avançada, a necessidade de iniciar um período de adaptação em outro grupo, com tudo que isso representa. O professor prepara-se para recebê-los em sua turma, de modo que se sintam acolhidos e, sobretudo, prevê que possam apresentar dificuldades de integração. Para os repetentes, é preciso considerar, especialmente, as contribuições que possam oferecer à turma, aos pequenos grupos e aos colegas mais próximos.
- Dos alunos novos na escola: o professor é aquele que melhor tem condições de apresentá-los para toda a turma, facilitando sua acolhida e situando-os junto aos colegas que mais poderão ajudá-los a orientar-se em sua nova situação, bem como a integrar-se a ela.

O lugar que ocupam na turma os alunos e as alunas que necessitam de atenção especial

Não é indiferente o lugar físico da sala de aula no qual se situa cada aluno. Deve-se considerar que as condições são variáveis e afetam os alunos, de modo favorável ou desfavorável, em relação às aprendizagens e ao entendimento com os demais colegas.

O professor procura situar os alunos e as alunas com mais necessidade de ajuda nos espaços da sala de aula aos quais possa recorrer com mais facilidade. É sabido que existem lugares, na sala de aula, cuja tendência é serem mais atendidos que outros; isso deve ser considerado para que se

possa aumentar a atenção aos lugares nos quais haja mais necessidade, bem como para que se coloquem os alunos e as alunas com maior necessidade naqueles de maior atendimento.

A heterogeneidade de meninos e meninas

Tendemos a favorecer grupos mistos, de meninos e meninas; mesmo que, em algumas idades, eles procurem agrupar-se separadamente, procuramos equilibrar os pequenos grupos nesse sentido.

A comodidade do professor e a comodidade dos alunos

Na formação dos grupos, consideramos que é especialmente necessário que o professor se sinta confortável com a organização feita, assim como os alunos e as alunas se sintam igualmente bem. Em certas ocasiões, um agrupamento pode atender a todos os critérios sugeridos, mas não agradar ao professor ou ao coordenador; ou mesmo os alunos e as alunas podem não se sentir bem no grupo no qual tenham que trabalhar, ou então com alguns colegas com os quais compartilham o trabalho. Parece-nos importante considerar, com o fim de fazer os agrupamentos necessários, que o professor e os alunos se sintam satisfeitos e trabalhem confortavelmente.

A MOBILIDADE DOS PEQUENOS GRUPOS

Poderíamos considerar dois extremos no que se refere à mobilidade: o grupo que troca continuamente seus integrantes em cada aula, e o grupo fixo no qual, geralmente, não se observam trocas.

De fato, neste último caso, existem boas experiências – o trabalho com grupos fixos, nos quais cada componente assume alguns papéis determinados, corresponde a uma modalidade de trabalho interessante.

Porém, em nossa prática, optamos por orientar a formação de grupos em uma modalidade relativamente fixa, que periodicamente, por exemplo, a cada trimestre, se desfazem e tornam a fazer-se.

Procuramos contemplar dois tipos de mudanças. Uma pontual, quando o professor percebe que um grupo apresenta dificuldades em seu funcionamento e que essas dificuldades poderiam corrigir-se com a introdução de uma pequena modificação, que poderia ser a troca de um ou dois componentes do grupo. Trata-se de fazer modificações pontuais, conservando intacta a maior parte dos pequenos grupos. Uma outra mudança é a generalizada, pela qual o professor desfaz todos os pequenos grupos e torna a reagrupar os alunos, de maneira que cada aluno muda de colega de trabalho e de grupo.

Entendemos que, geralmente, todos os alunos da sala de aula precisam aprender a trabalhar com todos os demais ou com quase todos. Assim, enquanto não se depararem com situações especialmente difíceis, por incompatibilidade entre eles, o importante será, se há dificuldades na eficácia ou no entendimento nos grupos, que os componentes aprendam a resolver as dificuldades. É importante também que, muito mais do que driblar obstáculos, os alunos possam aprender a trabalhar com todo o grupo, não somente com os colegas com os quais cada um se entende melhor.

OUTRAS FORMAS DE TRABALHO COMPLEMENTARES NA ORGANIZAÇÃO EM PEQUENOS GRUPOS

Os alunos precisam aprender a trabalhar sozinhos, em pequenos grupos e em grande grupo. Tradicionalmente, nos meios escolares, foi destacado o trabalho individual – alternavam-se as explicações do professor diante de toda a turma com atividades dos alunos realizadas individualmente, sem dar lugar ao trabalho em pequenos grupos. Entendemos que essa é uma maneira de trabalhar que necessita ser complementada, do mesmo modo que tampouco seria pertinente que colocássemos uma organização e um funcionamento em sala de aula que esquecesse o trabalho individual. Porém, na realidade, não se costuma dar atenção é à aprendizagem do trabalho em grupo. Faremos, na continuidade, uma relação de outros tipos de agrupamentos que podem ser utilizados dentro e fora da sala de aula:

- Todos os alunos e as alunas sentados no chão, diante do quadro negro ou do mural: para algumas atividades de leitura ou de escrita coletiva em educação infantil, o professor utiliza o quadro ou o

mural como espaços comuns que permitem a visualização das escritas e o contraste entre diferentes hipóteses a partir de uma produção.

- Todos os alunos e as alunas sentados no chão, em círculo, em cima do tapete: para atividades de linguagem oral, como explicação de contos, de vivências, de conversações, etc. A disposição circular sobre o tapete permite criar uma situação comunicativa muito apropriada para alunos de educação infantil.
- Todos sentados em pequenos grupos nas mesas, construindo texto no quadro e na folha, alternadamente. Por exemplo, cada pequeno grupo escreve uma canção conhecida ou uma piada, a seguir, em conjunto, todos a corrigem no quadro. Também, de maneira parecida, podem trabalhar temas sobre os quais irão descobrir o ambiente. Podem ser atividades em grande grupo, de escrita coletiva no quadro e de escrita individual, ou por grupos, na folha; ou de explicação de problemas, no quadro, tendo como continuidade a resolução de situações similares, em pequenos grupos.
- Todos em suas mesas, realizando atividades que requerem a interação com todos os colegas da sala de aula: o professor pode pedir, por exemplo, em cada pequeno grupo de uma turma de educação infantil, que façam uma lista de todos os colegas que estão no refeitório, ou de todas as meninas ou os meninos. Se o grupo de trabalho tem como tarefa fazer uma lista com nomes de colegas que não sabem escrever, terão de consultar. Desse modo, o educador oferece as condições para favorecer a interação entre todos os alunos e as alunas da sala de aula.
- Agrupamentos de alunos e alunas de níveis parecidos: quando interessa trabalhar por níveis e utilizar simultaneamente duas atividades, uma para os mais evoluídos e outra para os demais da turma, o professor pode formar dois grupos por nível, sentados desse modo por mesas; assim, enquanto alguns se sentam nos grupos realizando uma atividade, os demais se agrupam para fazer outra tarefa.
- Trabalho dentro da sala de aula com uma parte dos alunos, enquanto a outra parte está fazendo uma atividade fora. O professor auxiliar exercerá um papel importante como facilitador de situações como esta: ele pode assumir metade da turma, levando-a para trabalhar

em outro espaço, enquanto os demais alunos e alunas ficam na sala de aula.

- Todos os alunos sentados em pequenos grupos, mas fazendo atividades individuais. Não podemos confundir trabalhar em grupo e sentar-se em grupo. Neste caso, os alunos e as alunas se sentam em grupo, mas cada um tem sua folha e seu material e trabalha por conta própria. Em certas ocasiões, será conveniente explicar a toda a turma que a atividade preparada é para ser feita de forma individual, sem consultar os colegas.
- Trabalhar em recantos: os alunos, sobretudo os de educação infantil, agrupam-se em diversos espaços na sala de aula, a fim de trabalhar nesses cantinhos.
- Em pequenos grupos ou individualmente fora da sala de aula, quando uma parte das atividades requer o uso de espaços externos à sala de referência, tais como: a biblioteca, o pátio, a sala de informática, de música, de tecnologia, a horta ou outros espaços exteriores à escola. Algumas dessas atividades podem ocorrer em horário escolar, e outras, em horário extraclasse. Existem atividades individuais para as quais, necessariamente, é preciso usar esses espaços exteriores, tais como: coletar algum material em casa, recorrer à biblioteca para buscar informação, etc.

Entendemos, portanto, que o trabalho em pequenos grupos precisa ocupar um lugar de grande consideração na organização e no funcionamento dos processos de ensino-aprendizagem, mas articulado com um amplo leque de recursos organizacionais que incluem, como já dissemos, o trabalho em grande grupo e o individual. A prática dessas três formas de trabalho há de ter como consequência, de fato, os objetivos pretendidos em cada caso.

O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DOS PEQUENOS GRUPOS

Em nossa proposta, é o professor quem toma as decisões sobre os agrupamentos dos alunos em sala de aula. Da mesma maneira, é ele quem

observa a dinâmica da turma. Consideramos como mais vantajoso que seja ele quem decida os agrupamentos, porque é o professor que tem o saber mais elaborado sobre as melhores condições do conjunto da sala de aula, de modo que possa favorecer a extensão das capacidades dos alunos. Porém há outras possibilidades, como pedir aos alunos e às alunas que se agrupem livremente, embora os critérios de agrupamento que utilizem não levem em consideração as melhores condições de cada um para o desdobramento de suas capacidades; os alunos não costumam pensar em equilibrar os grupos de modo que incluam alunos e alunas de diversos níveis. Muito pelo contrário, em muitas ocasiões observamos que alunos e alunas menos dotados ficam isolados, enquanto que os provocativos se juntam e formam um grupo no qual não se trabalha. Para evitar essas situações, o professor deve decidir quais serão os integrantes de cada pequeno grupo.

Isso não quer dizer que não se leve em conta a vontade dos alunos. Trata-se de formar grupos em que, além de serem mais eficazes nas tarefas, seus componentes possam se sentir confortáveis. Portanto, um dos critérios que se deve ter presente na formação dos grupos é a previsão de que os alunos e as alunas poderão chegar a se sentir bem. Nesse sentido, como já havíamos dito, um sociograma poderia trazer informações valiosas, visando a saber as escolhas mútuas realizadas por cada um e considerando, ao mesmo tempo, como critério de agrupamento, as afinidades e as rejeições entre eles.

Para decidir os agrupamentos dos alunos, é preciso que o professor disponha de informações referentes aos níveis, ritmos e interesses de cada um, que saiba quais os alunos que apresentam capacidade de comunicar-informar e quais são aqueles que mais necessitam de ajuda, etc.

Uma escola habituada a fazer pedidos de assessoramento para temas com essas características pode enriquecer-se substancialmente quando solicita um acompanhamento para a tomada de decisões sobre a formação de pequenos grupos. Como veremos mais adiante, nesse sentido, o assessor tem um papel significativo para ajudar a estabelecer os critérios a serem utilizados nos agrupamentos, considerando previamente a valorização de níveis, ritmos e interesses de alunos e alunas, bem como a detecção daqueles que necessitam de maior ajuda, podendo colaborar, ao mesmo tempo, na decisão sobre o lugar de cada um. Além de trabalhar fazendo observações em sala de aula, pode estar alerta ao funcionamento de cada grupo e de cada

aluno para complementar a percepção que o professor tem da classe, de modo que possa compatibilizar as observações de ambos, valorizando os acertos e os erros na formação dos pequenos grupos.

Portanto, o acompanhamento do assessor pode concretizar-se na valorização dos alunos e das alunas, na tomada de decisões sobre os agrupamentos, na observação em sala de aula e na valorização de seu funcionamento.

A Dinâmica de Trabalho

2

No capítulo anterior, explicamos a formação dos pequenos grupos: quem os forma, como, com que critérios, etc. No momento em que cada um dos grupos se dedica a uma tarefa, começa a gerar-se uma dinâmica de trabalho que lhes possibilita chegar aos objetivos que foram estabelecidos. Os grupos deverão desempenhar seu trabalho a partir de uma tarefa estabelecida, sendo que cada integrante deverá assimilar alguns conhecimentos sobre a área de trabalho e sobre o funcionamento em grupo. A *intervenção do professor* ao longo do processo será, sem dúvida, determinante. Desse modo, o professor deve estabelecer as melhores condições de trabalho e realizar o acompanhamento de cada grupo, desde o princípio, para garantir que o trabalho seja adequado. Ele poderá propor a utilização de uma série de procedimentos para serem praticados nos grupos, principalmente naqueles em que seja necessário reorientar, ou cujo procedimento de trabalho se deva aperfeiçoar. A intervenção de alguém entendido terá como objetivo instaurar as condições apropriadas, manter as dinâmicas de trabalho que já estão em funcionamento e incorporar mudanças naquelas que assim o requeiram. E ainda, finalmente, irá intervir para que os grupos tomem consciência das condições de trabalho estabelecidas, dos processos que estejam executando e dos resultados obtidos.

O manejo da dinâmica de trabalho, tal como a definimos, supõe ter conhecimentos de alguns fenômenos que se produzem nos grupos, no que diz respeito à participação e aos papéis que neles aparecem. O professor deve ter clareza sobre como quer que seja o funcionamento de cada grupo, devendo intervir para defini-lo conforme suas intenções.